

CAPÍTULO XXII – O CRISTO RECÉM-NASCIDO

Tem sido dito, muitas vezes, em nossa literatura, que o sacrifício de Cristo não foi um acontecimento que, tendo ocorrido no Gólgota, foi realizado em poucas horas e assim consumado, mas que os nascimentos e as mortes místicas do Redentor são ocorrências cósmicas contínuas. Podemos, portanto, concluir que esse sacrifício é necessário para a nossa evolução física e espiritual durante a presente fase do nosso desenvolvimento. À medida que o nascimento anual de Cristo Menino se aproxima, mais uma vez é-nos apresentado um tema para meditação, um tema que nunca envelhece e é sempre novo, do qual podemos tirar muito proveito ponderando sobre ele com uma oração, para que possa criar em nossos corações uma nova luz para nos guiar no caminho da regeneração.

O apóstolo inspirado nos deu uma definição maravilhosa da Deidade quando disse que “*Deus é Luz*”¹ e, portanto, “luz” tem sido usada para ilustrar a natureza do Divino nos Ensinamentos Rosacruz, especialmente o mistério da Trindade na Unidade. É claramente ensinada nas Sagradas Escrituras de todos os tempos que Deus é uno e indivisível. Ao mesmo tempo descobrimos que, do mesmo modo que a luz branca se refrata nas três cores primárias – vermelho, amarelo e azul – Deus também se revela em um papel tríplice durante a manifestação, pelo exercício das três funções divinas: *criação, preservação e dissolução*.

Quando Ele exerce o atributo *criação*, Deus SE revela como Jeová, o Espírito Santo; Ele é, então, o Senhor da lei e da geração, e projeta o princípio da fertilização solar indiretamente por meio dos satélites lunares de todos os planetas onde for necessário fornecer Corpos para seus seres em evolução.

¹ N.T.: Jo 1:5

Quando Ele exercita o atributo *preservação*, com o propósito de sustentar os corpos gerados por Jeová sob as Leis da Natureza, Deus Se revela como o Redentor, *Cristo*, e irradia os princípios de amor e regeneração *diretamente* a qualquer Planeta, onde as criaturas de Jeová requeiram essa ajuda para se libertarem das malhas da mortalidade e do egoísmo, a fim de alcançar o altruísmo e a vida infinita.

Quando Deus exerce o atributo divino da *dissolução*, Ele aparece como *O Pai* que nos chama de volta ao nosso lar celestial, para assimilarmos os frutos das experiências e do crescimento anímico que acumulamos durante o dia de manifestação. Esse Solvente Universal, o raio do Pai, emana do Sol Espiritual Invisível.

Esses processos divinos de criação e nascimento, preservação e vida, e dissolução, morte e retorno ao Autor do nosso ser, vemos em toda parte ao nosso redor, e reconhecemos o fato de que são atividades do Deus Triuno em manifestação. Mas, já nos demos conta de que nos Mundo espirituais não existem acontecimentos definidos nem condições estáticas; que o começo e o fim de todas as aventuras, de todas as épocas, estão presentes no eterno “aqui” e “agora”? Do seio do Pai brota eternamente a essência das coisas e dos acontecimentos, que penetra nos reinos do “tempo” e do “espaço”. Lá gradualmente tudo se cristaliza e se torna inerte, necessitando de dissolução para que possa haver espaço para outras coisas e outros eventos.

Não há como escapar dessa Lei Cósmica; se aplica a tudo no reino do “tempo” e do “espaço”, incluindo o raio de Cristo. Assim, como o lago que deságua no oceano se reabastece quando a água que o deixou se evaporou e retorna a ele em forma de chuva, para fluir novamente incessantemente em direção ao oceano, assim o Espírito do Amor nasce eternamente do Pai, dia após dia, hora após hora, para o universo solar para nos redimir do mundo da matéria que nos envolve em suas garras mortais. Onda após onda é assim impelida do

Sol em direção a todos os Planetas, o que proporciona um impulso rítmico às criaturas em evolução.

E assim é, no sentido mais verdadeiro e literal, um *Cristo recém-nascido* que saudamos em cada festa de Yule² que se aproxima, e o Natal é o evento anual mais importante para toda a Humanidade, quer tenhamos consciência ou não. Não é apenas uma comemoração do nascimento do nosso amado Irmão Maior, Jesus, mas sim da chegada ou do advento da vida amorosa rejuvenescedora do nosso Pai Celestial, enviada por Ele para redimir o mundo do glacial abraço da morte. Sem essa nova infusão de vida e energia divinas, logo pereceríamos fisicamente, frustrando o nosso progresso no que tange às atuais linhas de desenvolvimento. Esse é um ponto que devemos nos esforçar para compreender completamente, a fim de que aprendamos a apreciar o Natal, tão profundamente quanto deveríamos.

Podemos aprender uma lição a esse respeito, como em muitos outros, com os nossos filhos ou com as recordações da nossa própria infância. Quão vivas eram as nossas expectativas quando se aproximavam os festejos natalinos! Quão ansiosamente esperávamos pela hora em que receberíamos os presentes que sabíamos que viriam do Papai Noel, o misterioso benfeitor universal que trazia os brinquedos! Como nos sentiríamos se nossos pais ou responsáveis nos tivessem dado bonecas quebradas e os tambores danificados do ano passado? Certamente seria uma sensação como de um infortúnio avassalador, e teria deixado uma profunda sensação de quebra de confiança que mesmo com o tempo seria difícil de ser restabelecida; no entanto, não teria sido nada comparado à calamidade cósmica que se abateria sobre a Humanidade, se o

² N.T.: Jól (do nórdico antigo: *júl*) ou Yule (do inglês antigo: *géol* ou *géola*) é uma comemoração do Norte da Europa pré-Cristã. Os pagãos Germânicos celebravam o Yule desde os finais de dezembro até aos primeiros dias de janeiro, abrangendo o Solstício de Dezembro. Foi a primeira festa sazonal comemorada pelas tribos neolíticas do norte da Europa, e é até hoje considerado o início da roda do ano por muitas tradições Pagãs. Embora Yule seja o nome do Solstício de Dezembro, originalmente é um tronco de árvore, possivelmente parecido com um tipo de pinheiro. Yule, o menino da promessa; semente de luz; festa medieval que comemorava a chegada do inverno no hemisfério norte; na língua inglesa significa em torno do Natal; natalício.

nosso Pai Celeste não conseguisse providenciar o Cristo recém-nascido como a nossa dádiva cósmica de Natal.

O Cristo do ano passado não pode nos salvar da fome física, assim como as chuvas do ano passado não podem agora encharcar o solo e fazer crescer os milhões de sementes que dormitam na terra, à espera de que as atividades germinativas da vida do Pai as façam começar a crescer; o Cristo do ano passado não pode reacender em nossos corações as aspirações a ideais elevados que nos impelem a avançar espiritualmente, assim como o calor do verão passado não pode nos aquecer agora. O Cristo do ano passado nos deu o Seu amor e a Sua vida até o último suspiro, sem restrição ou medida; quando Ele nasceu na Terra no Natal passado, Ele impregnou de vida as sementes adormecidas, que cresceram e muito gratamente encheram os nossos celeiros com o pão da vida física; Ele derramou sobre nós o amor que lhe foi dado pelo Pai, e quando Ele gastou toda a Sua vida, Ele morreu na época da Páscoa para ressuscitar novamente para o Pai, como o rio volta para o céu pela evaporação.

Mas o amor divino jorra infinitamente; assim como os pais têm compaixão dos seus filhos, também nosso Pai Celestial se compadece de nós, pois Ele conhece a nossa fragilidade e as nossas dependências física e espiritual. Portanto, aguardamos agora com confiança o nascimento místico do Cristo de mais um ano, carregado de renovada vida e de renovado amor, enviado pelo Pai para nos preservar da fome física e espiritual, que seriam certas se não fosse essa oferta anual de amor.

As almas mais jovens, geralmente, acham difícil separar em suas Mentas a personalidade de Deus, de Cristo e do Espírito Santo, de modo que algumas só conseguem amar a Jesus, o ser humano. Elas se esquecem de Cristo, o Grande Espírito, que inaugurou uma nova Era, na qual as nações estabelecidas sob o regime de Jeová serão destroçadas, e a sublime estrutura da Fraternidade

Universal poderá ser edificada sobre as suas ruínas. Com o tempo, todo o mundo perceberá que “*Deus é espírito*”³, e é para ser adorado em “*espírito e em verdade*”. É bom amar Jesus e O imitar; desconhecemos um ideal mais nobre e mais digno. Se alguém mais nobre tivesse sido encontrado, Jesus não teria sido escolhido para ser o veículo do Grande Unigênito, Cristo, em que habita a Divindade. Portanto, fazemos bem em seguir “Seus passos”.

Ao mesmo tempo, exaltaremos Deus em nossas próprias consciências, aceitando a afirmação bíblica de que Ele é espírito e de que não podemos tentar representar a Sua imagem, nem retratá-Lo, pois Ele não se assemelha a nada nem a ninguém, quer nos céus quer na Terra. Podemos ver os veículos físicos de Jeová circulando como satélites em volta de diversos Planetas. Também podemos ver o Sol, que é o veículo visível de Cristo; mas o Sol Invisível, que é o veículo do Pai e fonte de tudo, aparece aos maiores Clarividentes apenas como a oitava superior da fotosfera do Sol, um anel de luminosidade azul-violeta por trás do Sol. Mas nós não precisamos vê-Lo; podemos sentir Seu amor, e esse sentimento nunca é tão grande como na época do Natal, quando Ele nos dá o maior de todos os presentes: o Cristo do novo ano.

³ N.T.: Jo 4:24